



Ada Negri e Florbela Espanca. Antologia poetica, de Antonella Cagnolati et al. (2023)

[10.29073/naus.v7i2.938](https://doi.org/10.29073/naus.v7i2.938)

Recebido: 3 de setembro de 2024.

Aprovado: 3 outubro de 2024.

Publicado: 19 de março de 2025.

Autor/a: Nefatalin Neto , Universidade Federal Rural de Pernambuco, Brasil, nefa.usp@gmail.com.

Se perguntarmos a um leitor mediano em língua portuguesa se ele conhece Ada Negri provavelmente a sua resposta será um sonoro e claro NÃO! O mesmo, provavelmente, se dá com o nome de Florbela Espanca em terras italianas. Autoras que, conhecidas em seus países, não ultrapassaram plenamente a fronteira para que seus versos comuniquem para além de suas línguas. Assim, apesar de já haver diversas comunidades cuja luta por emancipação alcança forte fervor e conquistas, a comunidade de autoria feminina ainda caminha a passos curtos, pequenos, mas consolidados e inegáveis. A esse movimento de força cada vez mais expansionista vem se juntar agora *Ada Negri e Florbela Espanca. Antologia poetica*. Instava, há muito, a publicação de uma coletânea que não apenas apresentasse o entrelaçamento das duas escritoras, mas que também atualizasse o público leitor — tanto em português quanto em italiano — dessas duas artífices do fazer poético daquele conturbado tempo que foi o fim do século XIX e início do século XX.

A antologia cumpre diversas funções. A primeira delas é a de tornar próximas as duas escritoras que nomeiam a coletânea. A necessidade dessa aproximação se dá, inicialmente, porque apesar de ser distante desse leitor italiano, sabemos que Florbela leu Ada Negri por conta da indicação de seu amigo e primeiro editor italiano Guido Battelli — e essa aproximação, que pode se dar por trânsito de formas e de temas, podemos achar um processo de suplementação de leitura de Florbela até o momento inédito. Já Ada, falecida quinze anos depois de Florbela, poderá ter tido contato com a poetisa de Vila Viçosa e notado certa proximidade em alguns temas, e distanciamentos de tons quase divergentes por vezes e isso poderia levá-la a reflexões de cunho poético e de criação importantes. Assim, apesar da incerteza sobre o conhecimento e mesmo da proximidade entre as escritoras, o livro ora publicado permite a promoção desse intercâmbio e, mais que isso, a amplitude dessa comunidade de autoria feminina pela exaltação de dois de seus nomes mais honrosos.

O livro é organizado por cinco competentes professores estudiosos das duas escritoras referidas no texto: Antonella Cagnolati, Debora Ricci, Maria Lúcia Dal Farra, Fábio Mario da Silva e Michelle Vasconcelos, nomes já clássicos nos estudos das duas escritoras em questão. Entretanto, assinalemos que a alta estirpe dos pesquisadores esteve à deriva de circunstâncias acadêmicas — que muitas vezes determinam a escolha dos assuntos e objetos de publicação de professores universitários. Assim, apesar do rigor, da qualidade e da responsabilidade que apresenta um produto elaborado, de excelente consulta e entendimento, a coletânea não descarta de um contributo interpretativo de exploração luminosa também para o público leigo.

Dessa forma, temos uma organização que, por si, já explora didaticamente suas possibilidades: O livro, bilingue todo, se encontra dividido em três partes. A primeira consta de uma introdução e uma nota explicativa que expõem a necessidade da publicação, bem como os esforços emanados para sua concretização; a segunda consta de poemas selecionados de Ada Negri, antecedido por um escrito introdutório de Antonella Cagnolati sobre a poetisa; por fim, a terceira, similar à segunda, apresenta a poesia de Florbela Espanca com um estudo introdutório escrito por Maria Lúcia Dal Farra. A tarefa ensaística que as duas professoras realizam, apesar de prezar por escolhas particulares, dá prioridade na elaboração de uma visão de conjunto tanto da vida quanto da obra de cada escritora. O contributo dos ensaios confere uma necessária carnalidade a autoras que são cerceadas por certo processo mitificante. Assim, ao aprofundar a leitura das escritoras em relação ao seu caráter biográfico — não menos sujeito à Ficção que à História —, as pesquisadoras desfazem tanto a ideia errônea de fascismo em Ada Negri quanto a de assente cristã em Florbela Espanca. As oportunas apresentações permitem, ainda, além



de um conhecimento das escritoras em pauta, um aprofundamento de leituras críticas cujos frutos serão, efetivamente, o crescente interesse de leitores, haja vista que até o momento elas estão circunscritas a seus países de origem — uma pequena exceção para Florbela que é lida e reconhecida também no Brasil.

Após tais apresentações ensaísticas temos uma pequena antologia de cada uma das escritoras (32 de Ada Negri, espalhados entre 5 livros — *Dal profondo, Fatalità, Esilio, Tempeste, Maternità* — e 24 poemas de Florbela Espanca, coligidos de 3 livros — *Livro de mágoas, Livro de “Sóror Saudade”* e *Charneca em flor*) com sua versão original e traduzida. O leitor é conduzido, assim, por exemplares poéticos de diversos momentos de cada escritora, tendo um panorama geral, mas que não deixa de ser detalhado, por meio dessa propalação em ascendente. Destarte, longe de um minucioso retrato humano, a coletânea em questão expõe vida, trata de problemas enfrentados pelas escritoras, coloca sua obra na berlinda, questiona modelos de leitura e, não obstante, compõem um enorme mosaico relativo à constituição dos ícones Florbela e Ada. Confere-se, no livro em questão, tanto rigor técnico ao conjunto textual quanto carnalidade e popularidade a duas mulheres cristalizadas-mitificadas por seus pares.

Quanto à escolha dos poemas, é preciso dizer que o trabalho se destaca por diversas questões. A mais importante delas é a de facultarem ao público poemas muito comentados, mas ainda de difícil acesso fora de suas línguas maternas. Assim, poemas incontornáveis como “Io” de Ada Negri agora alcançam tradução em português e permitem que a poesia da escritora italiana não seja apenas “eco” passivo de modelos culturais ou exemplaridades ideológicas, mas antes o espaço de uma poética invulgar, na qual se entrelaçam vida, perspectiva, posicionamento social e construção artística. Submetidos a uma voz poética bem conhecida por seu ineditismo, o poema em Ada explora a humanidade em seus quesitos fulcrais. Assim, poetisas e poemas se encontram em perfeito agenciamento. O mesmo notamos com a divulgação dos sonetos de Florbela. Distante de uma escola ou mesmo de um estilo literário específico, a poetisa de Vila Viçosa contamina seus versos de um erotismo revolucionário, telúrico, lilithiano, modo de desmascarar as diversas facetas fingidas que o tempo vem impondo à poesia da autora. Temos esse processo, por exemplo, quando a voz lírica da escritora afirma: “E é amar-te, assim, perdidamente...” (p. 300). Ao dizer que quer amar e não ser amada, a enunciação do poema coloca a mulher no domínio da relação. Alcança no erotismo um “modo de dizer” que ao mesmo tempo delinea e singulariza a condição feminina.

A escolha ainda tem especial relevância para os estudantes e estudiosos de Literatura pois promove uma pedagogia da poesia de autoria feminina que ultrapassa muros de nacionalidade e, inclusive linguísticos. Ao conduzir, de maneira generosa, a o leitor para o conjunto de poemas selecionados, os organizadores facilitam “o caminho das pedras” tanto para aqueles que nunca leram as poetisas e desconhecem suas trajetórias quanto para os iniciados dessa escrita de resiliência que são as de Ada Negri e Florbela Espanca.

E neste ponto justamente encontramos aquele que poderia ser o primeiro entrave da antologia: um leitor mais especializado poderia questionar que a tradução dos poemas não se preocupa em realizar uma forma poética, na língua de recepção, igual àquela da língua original. A justificativa de tal escolha é explicada já na apresentação: os tradutores (Luísa Antunes Paolinelli e Vanessa Castagna do italiano e Vanessa Castagna e Vincenzo Russo do português) procuraram, em seu trabalho de lidar com os poemas selecionados, a preocupação de verter o significado, uma transposição de sentido, mas sem banalizar o efeito poético original.

Longe de procurar as potencialidades da língua — o que implicaria uma maior subjetividade do tradutor — os poemas emanam sentidos, mas não perdem suas equações verbais. E não nos parece que tal escolha tenha sido um problema da coletânea. Isso porque se não há um processo de “recriação” ou “transcrição” como propõe Haroldo de Campos, temos cada versão como um ato de transgressão. Assim, as traduções não pressupõem uma livre adaptação do texto de partida, mas uma busca de extrema fidelidade ao par sintaxe-morfologia. Ao tergiversar o âmbito semiótico, mas sem escapar dele, os tradutores sintetizam inovação e paradigma em um processo o mais próximo possível do sentido literal, mas q não ignora o sentido simbólico do poema.



Vejamos, neste conjunto de seleção e escolha, dois exemplos que acabam por educar o leitor em relação ao modo de composição e de expressão das duas poetisas. O primeiro é o soneto “La maschera”, de Ada Negri, presente nas páginas 96 e 97 do livro em comentário:

“Tutto il giorno la bella creatura
rise, mostrando lo splendor dei denti:
carezzò bimbi, ornò la sua cintura
di fiori, gorgheggiò con lieti accenti.”

“Todos os dias a bela criatura
riu, mostrando o esplendor dos dentes:
acariciou crianças, ornou a sua cintura
de flores, gorjeou com alegres inflexões.”

O soneto, apesar de perder rimas e sílabas na tradução para o português, mantém a mesma estrutura da forma e permite que possamos ler o texto em comparação para acharmos os efeitos sonoros e musicais que ele possui. Afora a questão da forma, figuram no texto os pilares temáticos da autora, seu modo de composição e, em especial, sua qualidade expressiva de dizer de modo a convocar o leitor à participação nesse na luta pelo direito e pela liberdade — em síntese, o mais profundo e explícito do universo poético negriano. É justamente pela palavra traduzida que o retrato poético conjugado com o texto de apresentação nasce; um arranjo em que se combinam texto, contexto, pretexto e interpretações já realizadas.

A mesma coisa poderia ser dita das traduções dos poemas de Florbela. Se olharmos as traduções dos sonetos que constam na coletânea, podemos tomar “Eu”, constante das páginas 258-259 do referido livro, cujo primeiro quarteto assim se apresenta:

“Eu sou a que no mundo anda perdida
Eu sou a que na vida não tem norte
Sou a irmã do Sonho, e desta sorte
Sou a crucificada... a dolorida...”

“Io son quella che nel mondo se ne va smarrita,
Io sono quella che non ha bussola nella vita,
Sono la sorella del Sogno, e in questo modo
Sono la crocifissa... l'addolorata...”

Como no exemplo anterior, a estrofe vertida para o italiano não mantém nem a rima e nem a quantidade sílabas poéticas em cada verso. Entretanto, não há esforço algum por parte do leitor para notar que o poema é um soneto, permitindo que entenda tanto a quantidade métrica original quanto as possíveis rimas desaparecidas na tradução. Assim, apesar de haver uma contagem diferente¹, o leitor italiano poderá desfrutar facilmente de sua leitura e, através dela do significado daí advindo, chegar ao produto composicional original de Florbela por meio da interpretação e da comparação entre o texto vertido e o original.

Assim, ultrapassadas as dificuldades em acessar os poemas das duas escritoras, temos também, de maneira sucinta, a apresentação por exemplaridade de seus grandes pilares temáticos: amor, sofrimento, condição feminina. A antologia permite, por meio da obra, a exploração das autoras e de suas poéticas; abre espaço para possibilitar novas leituras das autoras em particular e comparativamente à posteridade e, por fim, em um gesto

¹ A escansão é um processo de contagem das sílabas métricas de um verso de acordo com as emissões de voz. Na passagem do latim para as línguas neolatinas, tivemos a passagem dos pés para as unidades silábicas que se formam de acordo com a duração dos fonemas. Lembremos, entretanto, que tanto o espanhol quanto o italiano contam até à última sílaba de cada verso; já o português (bem como as línguas neolatinas restantes) conta até à última sílaba tónica.



escultórico de alto valor, permite que suas poéticas permaneçam vivas, sejam inseridas em um universo maior que o nacional de autoria feminina, mas sem deixar que tal rigor perca fluência ou atratividade, o que certamente tributa longevidade tanto à antologia quanto às autoras dela partícipes.

Referências

Cagnolati, A., Ricci, D., Farra, M. L. D., da Silva, F. M., & Vasconcelos, M. (2023). *Ada Negri e Florbela Espanca. Antologia poetica*. Tab Edizioni.

Declaração Ética

Conflito de Interesse: Nada a declarar. **Financiamento:** Nada a declarar.



Todo o conteúdo da *NAUS — Revista Lusófona de Estudos Culturais e Comunicacionais* é licenciado sob [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), a menos que especificado de outra forma e em conteúdo recuperado de outras fontes bibliográficas.